



**Divaldo Franco**

pele Espírito **Eros**

*a Busca da  
Perfeição*

ebm  
editora

## *a Busca da Perfeição*

O charco triunfante trombeteou sua superioridade, ameaçando o lírio em botão:

- Tenho-te as raízes presas ao meu lodo, com o qual irei envenenar-te.

Sem qualquer reprimenda ou ressentimento, a planta permaneceu silenciosa e, ao amanhecer do dia seguinte, coroou-se de flores alvas, que amenizaram a podridão do paul com o suave perfume que trescalava.

#

A noite vitoriosa e dominadora, desafiava o Sol oculto:

- Que és e que podes fazer, pobre Estrela que eu cubro com as minha sombras? Onde te escondes, ilusão dos parvos?

Evitando a contenda inútil, o Astro-rci lentamente surgiu no amanhecer e devorou a treva com beijos de luz, avançando com o seu carro de fogo pelo zimbório transparente.

#

A perversidade espalhava sua virulência em gargalhadas de zombaria em relação ao amor, e interrogava, alucinada:

- A tudo submeto sob o meu talante. Temida e respeitada, avanço pelos campos juncados de vítimas, ampliando o meu terreno de vitórias e submetendo multidões. Que fazes, pobre amor desprezado?

Levantando os tombados e vencidos pela perversidade, o amor alimentava-os de reconciliação com o inimigo, conquistando, um a um, aqueles que haviam sido vitimados pelo horror, apontando-lhes o rumo da compaixão e da bondade, com que alterariam o rumo do futuro próprio e de outros seres humanos inexperientes.

- Sou um soberano que governa incontável número de vidas - blasonava o medo -. Por onde passo, deixo marcas de sofrimentos e receios em torno do futuro. Sou imbatível, porque me alimento da ignorância e da desconfiança. Reino, triunfante, sem qualquer temor de ser vencido.

Lentamente, a saúde vestiu-se de esperança, começando a aninhar-se nos corações temerosos e abriu os braços ao bem-estar, que passou a dominar as pessoas, recuperadas e laboriosas, sem qualquer exibição ou debate inútil.

#

A degenerescência, a sombra, a perversidade, o medo são filhos diletos da ignorância, do desconhecimento da Verdade.

Estradas acidentadas por onde transitam muitas vidas, são incapazes, no entanto, de impedir o avanço no rumo da sabedoria, que elimina todos os fatores de perturbação e de desdita.

Quem ignora, teme. Quem conhece e sabe, avança no rumo da perfeição.

Enquanto a ignorância domina, o desconforto e a agressividade estabelecem morada no coração. No momento em que a sabedoria se instala, peregrina luz penetra o ser e liberta-o de toda sombra para sempre.

Vicejando a superstição, a falsa cultura, a presunção e a violência nos sentimentos humanos, desaparecem os ideais de nobreza e felicidade, substituídos pela alucinação e pelo sofrimento.

A busca da sabedoria constitui um grande desafio, que não deve ser postergado, porque, quanto mais conhecedor da Verdade, mais livre se encontra o ser, que avança no

rumo da plenitude, que é a perfeição, sua meta.

Este pequeno livro contém algumas estórias, lendas e propostas com temática oriental, algumas cristãs, que induzem ao conhecimento da sabedoria, contribuindo humildemente para o despertar de alguém que se encontre no letargo da ignorância, ensejando-lhe o amanhecer de novos motivos existenciais que proporcionam a felicidade.

Paramirim (Ba), 15 de setembro de 2001.

*Liras*

## **1. Sublimes Cantos**

O dólido Rabi preparava os Seus cantores para que levassem a sinfonia excelsa do Amor por onde transitassem.

Os caminhos ásperos do mundo, assinalados pelos vícios e prerrogativas infelizes de alguns parvos, não viam passar andarilhos de alparcas capazes de deixar sinais de luz, mas sempre permaneciam as marcas da destruição pela guerra, os contornos soezes dos dominadores, as manchas do crime e da imundície moral, os obstáculos gerados pela inveja, pela soberba, pela crueldade...

Naqueles dias, novos sinais abririam veredas macias e campos verdejantes. Mas era necessário que os novos semeadores enfrentassem as cruezas existentes, imolando-se, a fim de que o seu sangue e o seu suor fertilizassem o solo sáfaro até então.

Assim, pensando, Ele abriu a Sua boca em mirífica luz e estabeleceu o Estatuto da Nova Era:

*- Ide primeiramente às ovelhas tresmalhadas de Israel. Pelo caminho proclamai (pie o reino de Deus está perto. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, daí de graça. Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos; nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado, pois o trabalhador merece o seu sustento...*

... Ao entrardes em uma casa saudai-a: Paz a esta casa. Se essa casa for digna, a vossa paz desça sobre ela; se não for digna, volte para vós. Se alguém não vos receber nem escutar as vossas palavras, ao sair dessa casa ou dessa cidade, sacudi o pó dos vossos pés...

... O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do senhor. Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo ser como o senhor...

*... Não os temais (aos maus), portanto, pois nada há encoberto que não venha a descobrir-se, nem oculto, que não venha ser conhecido. O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia; e o que escutais ao ouvido, proclamai-o sobre os terraços. Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma.*

Dando prosseguimento, em gloriosa exaltação da verdade, expôs o que deveriam aguardar no futuro:

*- Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também me declararei por ele diante de Meu Pai que está nos Céus. Mas aquele que me negar diante dos homens, negá-lo-ei também diante de meu Pai que está nos Céus.*

E numa frase musical em que se misturavam a elegia e a patética, declarou:

*- Não penseis que vim trazer a paz, mas a espada. Porque vim separar o filho do pai, a filha da sua mãe e a nora da sogra, de tal modo que os inimigos do homem serão os seus familiares que não me aceitarem ou criarem impedimentos contra mim.*

Em harpejos finais, a melodia alcançou o seu majestoso:

*- Quem não tomar a sua cruz, para me seguir, não é digno de mim. Aquele que tenta conservar para si a vida, perdê-la-á.*

*Quem vos recebe, a mim me recebe, e quem me recebe, recebe Aquele que me enviou... E quem der de beber (da fonte inexaurível do amor) a um destes pequeninos, ainda que seja somente um copo com água fresca, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa.*

O silêncio irrompeu nas paisagens mentais dos ouvintes, que se impregnaram da Lei que os deveria acompanhar para todo o sempre. Os ouvidos do futuro aguardá-los-iam, os corações aflitos esperá-los-iam, as esperanças jamais desapareceriam, por piores fossem as circunstâncias e mais cruéis as situações.

O tempo, que transcorreu desde então, as civilizações que se ergueram sobre os pedestais do orgulho e do poder ruíram; os templos faustosos e as bibliotecas soberbas, ricas de informações e sabedoria, não conseguiram, no entanto, ultrapassar a beleza e a profunda lição de renúncia pelo próximo e de amor que aquelas palavras inscreveram na memória da Humanidade para sempre.

## **2 O tesouro desconhecido**

As parábolas eram gemas de luz que se desfaziam no contato com os corações, porque entravam pelas mentes e inundavam a alma de melodias festivas de beleza e de paz.

Em certo momento de enlevo, comentando a respeito do reino de Deus, Ele narrou:

*- Guimel ambicionava a conquista de inumeráveis bens, afim de tornar-se poderoso e adquirir fama.*

Durante toda a vida empenhou-se em possuir haveres que dele fizessem um dominador invejado e temido.

Os seus dias e as suas noites transcorriam sujeitos à busca infínda.

Quando alcançou o topo das ambições descobriu-se cheio de recursos e vazio de alegria. As mãos e os braços não conseguiam abarcar todos os recursos que se espalhavam por diferentes lugares e cofres vigiados por guardas armados para impedirem que fossem dilapidados.

*Sem objetivo de novas ambições, por constata las incapazes de preencher os espaços do coração, ( mimei desceu ao poço escuro da tristeza.*

Um dia em que caminhava por uma área que não era sua, encontrou um tesouro incomum e seu coração pulsou com diferente ritmo de verdadeira alegria.

Porque não houvesse sido visto, novamente enterrou o tesouro, vendeu tudo quanto possuía e comprou o campo onde se escondia o precioso bem, que somente ele conhecia.

*A partir daí, nunca mais tristeza alguma o dominou, nem ambição doentia, nem inquietação afligente.*

#

Ora, o reino de Deus está no próprio coração, o campo não conhecido pela criatura humana, porquanto nele dormem todos os tesouros que elevam e libertam o ser da pobreza espiritual.

E indispensável saber procurar a gema da verdade nele enterrada e ao encontrá-la, trocar tudo quanto possui e aflige pela sua resplandecência que ilumina e tranqüiliza.

## **3 Fiandeiro de Luz**

Ele veio colocar as pérolas de luz no imenso fio de amor, que deverá unir todos os

seres como irmãos.

A um, disse: - *Vem cuidar dos negócios do reino de Deus.*

E ele foi.

A mais outro falou: - *Eu te farei pescador de homens.*

E ele se tornou.

A alguém convocou: - *Vem contabilizar os membros da minha revolução.*

E ele assim o fez.

Alguém que desejava o reino, justificou a impossibilidade de O seguir:

- *Deixa-me primeiro enterrar o meu pai.*

E perdeu a oportunidade de ganhar a vida eterna.

Outrem, que se entusiasmara com as Suas jóias, propôs-Lhe:

- *Eu gostaria de seguir-Te, mas tenho um grande torneio amanhã. Depois, depois eu virei...*

E sucumbiu sob as rodas da quadriga e as patas dos cavalos velozes.

Entusiasmado-se com a profundidade do Seu amor, ela propôs:

- *Dar-te-ei a minha vida, assim que o queiras.*

Ele aceitou e pediu-lhe a alma no momento próprio, tornando-a uma estrela de inapagável grandeza.

Perseguida e malsinada pela multidão desvairada, ela foi submetida a Seu julgamento, e Ele respondeu aos seus algozes improvisados:

- *Aquele que estiver isento de pecado, que lhe atire a primeira pedra.*

E ela foi liberada, tornando-se-Lhe seguidora fiel e afortunada.

Esse Lhe propôs:

- *Se quiseres, poderás limpar-me.*

Porque Ele houvesse querido, o homem recuperou a saúde.

Aquele gritou:

- *Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim. Sou cego, cura-me!*

Apiedado do infeliz, Ele o curou.

Um sacerdote impiedoso e vitimado pelo despeito, agrediu-O, com infundada acusação:

- *A semana tem sete dias e deixas para curar no Sábado, que é reservado ao repouso?*

Ao que Ele, sobranceiro, respondeu:

- *E se o vosso jumento cair no poço, estando a morrer, somente porque é Sábado, não ireis salvá-lo? Esta mulher que sofre há trinta e oito anos, por acaso, também não é filha de Abraão ?*

E mandou-a que se fosse em paz...

O fio de pérolas de luz foi-se repletando com espécies únicas, dantes jamais vistas.

Enquanto isso, a alfafa e o feno, o joio e o escalracho eram coletados pelos ceifeiros da ignorância que a Ele apresentavam, tentando confundi-IO.

Foi então, quando Ele colocou uma pérola de Ofir, no colar de luz que ofereceu à Humanidade:

- *Não atireis vossas pérolas aos porcos, antes dai-lhes a alfafa, o feno, a erva daninha ceifada, porque, para eles, com os farelos e os grãos estarão satisfeitos. Nunca porém, com as gemas preciosas e fortes que destacam os eleitos para o reino dos Céus.*

#### **4 o Franjas do Luar da Verdade**

Eplendente qual madrugada anelada, o Rabi descerrou os lábios e começou a libertar as almas da ignorância em que se estorcegavam, colocando pontos de luz.

As parábolas eram gotas de sabedoria que iriam vencer os séculos e atravessar os milênios deixando rastros de luar perene.

Abrindo, portanto, a Sua boca, Ele disse:

*- Põe-se, porventura a candeia debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Não é para ser colocada no velador? Porque, nada há escondido que não venha a descobrir-se, e nada há oculto que não venha à luz.*

A função da luz é orientar, penetrar os escaninhos escuros, ampliar horizontes, esparzir claridade e felicitar. Jamais ocultar-se, porque ela vence as trevas e tem por missão diluir todo o temor.

*O mal é de duração efêmera, que se desvanece e se dilui na escuridão, como o crime, a perversão, o atraso moral. L'udo quanto se encontra oculto, desvela-se e ilumina-se.*

E prosseguindo, tomado de ternura pelos ouvintes deslumbrados, propôs:

*- Tomai sentido no que ouvís. Sereis medidos com a medida que empregardes para medir, e ainda vos será acrescentado. Pois àquele que tem, ser-lhe-á tirado.*

*O ser humano é a sua própria medida. Conforme faça ao seu próximo ser-lhe-á feito pela vida. Julgamentos, atitudes adversas, perseguições, interpretações errôneas e perversas voltam-se contra quem os utiliza, perdendo, inclusive, a capacidade da razão de que dispunha, face ao mau uso, para recuperá-la, somente, mais tarde, em outra existência.*

*Jamais exigir dos outros o que não se é capaz de fazer, mantendo -se sempre uma atitude de misericórdia e de compaixão, é a grande proposta da evolução.*

E porque desejasse impregnar as almas e a Natureza com o Seu poema sublime, aduziu:

*- O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Quer esteja a dormir, quer se levante de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro o caule, depois a espiga e, finalmente, o trigo perfeito na espiga. E quando o fruto amadurece, logo ele lhe mete a foice, porque chegou o tempo da ceifa.*

*A vida é uma sucessão de acontecimentos que não podem ser detidos. Automaticamente, após o primeiro passo, a semente é lançada à terra, e todos os fenômenos tomam corpo e dão-se naturalmente até o momento vitorioso dos resultados inevitáveis. Assim portanto, conforme for iniciado o processo, terão prosseguimento os demais efeitos. No fim, a colheita se manifesta satisfatória, se a semente foi boa e o solo feliz.*

Porque houvesse o silêncio expectante dos indivíduos e do ambiente, Ele interrogou:

*- A que temos de comparar o reino de Deus? Ou com que parábola o representaremos? E como um grão de mostarda que, ao ser deitado à terra, é a mais pequena de todas as sementes; mas, uma vez semeado, cresce, transformam-se de tal forma os ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra.*

Sem qualquer aparente significado, face ao desconhecimento que se tem do reino de Deus, quando alguém tem notícia, avoluma-se-lhe na alma essa realidade que fascina e atrai, tornando-se a razão única de ser da sua existência.

*O reino de Deus não vem com aparências exteriores, mas surge como um hálito de vida em embrião, que se agigantará, tornando-se a razão única da existência e do ato de pensar.*

... Por isso, Ele falava por palavras, como franjas de luar da verdade.

## **5» ImESTIMENTO DE SaBEDORIA**

Naqueles memoráveis dias brilhava a luz da verdade que descera do Infinito para iluminar o mundo. E porque a treva predominasse, o Embaixador Celeste narrou inúmeras parábolas que deveriam permanecer para sempre na memória da Humanidade.

Em maravilhoso amanhecer, Ele falou:

*- Lamed era um rei muito poderoso, que possuía terras a perder-se de vista, palácios e jóias valiosos, animais e escravos inumeráveis, invejado e bajulado por multidões, se acreditava feliz, repousando na ociosidade dourada, engendrando planos para aumentar a fortuna, sempre receoso de ter o trono usurpado e os tesouros perdidos.*

Na sua ganância havia perdido a paz e na temeridade em que se refugiava, passou a ser detestado.

O tempo furtava-lhe as energias e à louçania juvenil tomaram o lugar a velhice, o cansaço e a debilidade orgânica.

Nesse ínterim, ele ouviu falar que havia duas pérolas de valor inestimável, que todos cobiçavam, mas ninguém possuía recursos para adquiri-las. Eram únicas, e por isso mesmo, incomparáveis, que ora estavam à disposição de quem as pudesse comprar.

Porque já não administrasse os seus bens e domínios, quase exaurido, sem entusiasmo nem fé, o ancião resolveu vender tudo quanto possuía, e ao concluir todas as negociações, deu-se conta que amontoara o exato valor para adquirir as duas pérolas incomuns.

Sem qualquer receio, operou a troca, e nunca mais sofreu, nem se inquietou, nem receou a morte ou a vida.

*Ao possuir os dois glóbulos brilhantes e nacarados libertou-se de tudo e tornou-se totalmente feliz, porque as duas pérolas, nas quais investiu todos os bens, são o amor e a paz.*

\*

O reino de Deus é igual a uma pérola que nasce nas entranhas do ser e adquire resistência para enfrentar todas as vicissitudes. Ao atingir a plenitude, brilha suave e incomparável luz que jamais se apaga.

Investir todos os bens para conquistá-lo, é o empreendimento de maior sabedoria que a criatura humana pode realizar.

## **6 Gratidão de quem dá**

A choupana do ermitão Li-Yen no monte coberto de abetos e vetustos carvalhos, era o albergue dos viajantes cansados ou daqueles que se perdiam na floresta.

Sorridente e jovial, com quantos lhe buscavam a acolhida, ele os atendia com bonomia e generosidade.

Um dia, no entanto, um mendigo exausto pediu-lhe pouso, e recebeu-lhe a hospitalidade carinhosa.

Após o chá quente com ervas medicinais, o visitante amargurado desfiou-lhe aos ouvidos sensíveis o rosário de queixas e de aflições.

*- Tudo na minha existência — asseverou magoado — tem sido tragédia e desditas. Já não confio em ninguém, tanto hei sofrido dos homens e do mundo que me afligem.*

O sábio escutou compadecido a narração triste, confortou o estranho, cedeu-lhe o próprio leito e, no solo varrido, se recolheu ao sono até o dia raiar em bênçãos de luz.

Depois do desjejum singelo, renovado e diferente, o hóspede, preparando-se para

seguir adiante, despediu-se e agradeceu a oportuna acolhida.

Para sua surpresa, porém, o ancião lhe disse:

- *A vida é dádiva de Deus, que ainda não sabemos valorizar.*

*Conhecer-vos e conviver convosco, constituiu-me verdadeira bênção, que vos agradeço. Ide, pois, em paz. A gratidão que me domina, é resultado da alegria de vos hospedar, porque, realmente feliz é aquele que acolhe, que doa, face à honrosa oportunidade de poder amar, jamais de quem recebe...*

O peregrino, ante a resposta incomum, deu-se conta que a existência é aquilo que dela se faz e sempre responde conforme é solicitada.

Todo aquele que enseja ocasião para outrem auxiliar, facultava-lhe a alegria de repartir, o que constitui a verdadeira felicidade.

## ***7. Espelho da Vida***

Ele sempre vivera naquele tranquilo e fértil oásis no coração do deserto.

Entre tamareiras frondosas, figueiras velhas e verdes, águas abundantes, ele aprendera a amar a vida e a dedicar-se a servi-la. A sua palavra era sábia e o seu coração afável.

Muitas vezes permanecia junto a uma das fontes cristalinas, conversando com peregrinos e viajantes, ou simplesmente contando histórias aos que se lhe acercavam.

Oportunamente, um estranho viandante suaren-to, após saciar a sede e lavar o rosto, ao experimentar um grande bem-estar, interrogou-lhe:

- *Como são as pessoas daqui?*

E ele, tranquilo, contra-interrogou:

- *Como são as pessoas do lugar de onde vot e vem?*

Queixou-se, o recém-chegado:

- *São perversas, invejosas, odientas. Têm o mau hábito de perturbar o seu próximo, de se envolverem na vida alheia, de gerar conflitos e aranzéis.*

- *Mas, as daqui, também são assim, com essas mesmas características* - respondeu, tranquilo.

- *Se assim é, não ficarei aqui.* - Explodiu, o viajante.

Logo após alguma reflexão, partiu.

No fim da tarde, acercou-se da fonte um jovem jornadeiro, que sorveu o líquido precioso, refrescou-se, e sentindo que o ancião o observava, indagou, gentil:

- *Por favor, pode informar-me como são as pessoas deste oásis?*

Conforme acontecera antes, o interpelado contra-interrogou:

- *E como são aquelas do lugar de onde você vem ?*

- *Oh!* - respondeu, sorrindo - *são generosas, alegres, muito camaradas, ajudando ao seu próximo em tudo quanto é possível. Sinto-me muito vinculado a elas.*

*As daqui também são assim.* - Concluiu.

O jovem, interessado, meditou um pouco e logo aduziu:

- *Ficarei uma temporada aqui.*

Um homem, que ali estivera por todo aquele tempo, observando os acontecimentos, e parecendo-lhe paradoxal a resposta, inquiriu, por sua vez, ao idoso gentil:

- *Como é possível que, ante duas perguntas iguais, o senhor haja dado duas respostas diferentes?*

- *As respostas* - asseverou - *são perfeitamente idênticas, em relação a cada qual. As*

*peessoas, em toda parte, são iguais, com defeitos e com nobreza, com abnegação e vícios. Conforme cada qual as vê, assim também é aquele que as considera. Sempre carregamos conosco o mundo, que tem os contornos que lhe oferecemos.*

*A pessoa saudável e amiga sempre a tudo vê por essas lentes, qual ocorre com o avaro e perverso.*

## **8 Um Mau a Menos**

O discípulo, ingênuo e precipitado, interrogou, emocionado, o Mestre compassivo:

*- Que poderei fazer para tornar o mundo melhor? Vejo a Humanidade infeliz, campeando em alucinação expressiva, com esgares de perversidade e sempre agressiva.*

*Em toda parte medram o ódio, a inveja, a perseguição gratuita. As pessoas digladiam-se encarniçadamente, e somente encontro sombras onde esperava descobrir a luz... Que fazer?*

O Mestre permaneceu em sereno silêncio, enquanto o aprendiz retornava à carga:

*- Gostaria de extirpar o mal da Terra por definitivo, acabar com a miséria e o sofrimento, mas sinto-me sem recursos.*

*Que poderei fazer em favor dos infelizes e perversos?*

Tomado de compaixão pelo desarvorado candidato à transformação do planeta, redargüiu, o sábio:

*- Mudar as condições da Terra e dos seus habitantes, neste momento, é tarefa impossível. No entanto, se te encontras realmente interessado em contribuir em favor da Humanidade*

*para que seja feliz, adentra-te em ti mesmo, e faze-te gentil, melhor e iluminado, havendo, a partir deste momento, um perverso e ignorante a menos no mundo...*

... E continuou meditando.

## **9 Anjos guardiães**

Bailavam no ar as dúlcidas melodias da natureza em festa.

A noite demorada fora diluída lentamente pelas luminosas flechas douradas do Sol em mensagens contínuas de encantamento.

O sábio despertava, a pouco e pouco, da longa meditação a que se houvera dedicado, nimbado de peregrina luminosidade que lhe adornava o rosto suavemente aberto em delicado sorriso de felicidade.

Jubilosos e com ansiedade, acercaram-se os seus discípulos ávidos de ensinamentos e orientação.

Um deles, jovem e sonhador, tomado de imensa alegria, indagou gentil:

*- Senhor, é verdade que sois um anjo?*

Sem alterar a paisagem festiva em que ainda se encontrava, ele perguntou:

*- Por que motivo pensas isso? Não sou ainda um anjo.*

*- E por que estais iluminado? - Voltou a interrogar, tomado de imensa curiosidade.*

*- Porque estou desperto para a Vida. Ainda não alcancei o patamar da angelitude para onde avanço. Na atual reencarnação sou apenas um avatar, que veio à Terra convidar com exemplos de renúncia, abnegação e amor os seres humanos a ascenderem na direção de Deus.*

A longa peregrinação, que venho encetando através dos milênios, tem me conduzido de uma experiência à outra, a fim de que possa adquirir a real sabedoria, que consiste na

sincronia da dualidade perfeita do saber e do amar. Nesse processo de conquista da luz e eliminação da sombra, a compaixão me toma os sentimentos, de forma que, anulando os desejos de qualquer natureza, seja impulsionado na direção do Todo, sem exigências nem ansiedades.

Os anjos guardiães são os Espíritos que se sublimaram mediante a entrega total a Deus, conquistando, degrau a degrau, a escada evolutiva que dEle os aproxima.

*Começaram o processo de ascensão conforme todos nós, graças à Suprema Vontade do Criador, e vêm desenvolvendo os infinitos recursos que todos possuímos adormecidos, mas que neles já se transformaram na sublime claridade que os veste de plenitude.*

Visivelmente fascinado, o discípulo atento, voltou a indagar:

*- Não foram eles criados em exceção, angelicais desde o início para adorarem o Pai sem cessar?*

O mestre o olhou tomado de grande ternura e o envolveu num relâmpago de amor, respondendo com bondade:

*- O Amor não é faccioso e vive em abundância integral. Jamais haveria uma criação à parte da Criação, um amor diferente do Amor. Tudo e todos que existem na glória do Universo, tiveram e prosseguem tendo a mesma origem, usufruindo a bênção da mesma oportunidade.*

*Não há limite para o Amor.*

*Assim, olha na direção do infinito e enceta a marcha pela sua conquista, avançando com decisão na busca da tua fatalidade alcançando a glória de ser anjo guardião.*

... E, à medida que falava, mais se lhe acentuava a luminosidade interior, que se espraiava envolvendo os discípulos emocionados, desde agora sonhando pela conquista da angelitude.

## **10 Oração de entrega**

**Senhor:**

*Eu sou o barro humilde em Tuas mãos de Oleiro Sublime, aguardando que modeles a felicidade que devo experienciar;*

*Eu sou o metal rijo que a Tua chama de amor ardente irá produzir a forma que delineias para mim;*

*Eu sou a pedra bruta, que o Teu cinzel trabalha, a fim de libertar-me das anfractuosidades que me deformam;*

*Eu sou a madeira grotesca, que sofre a lâmina do Teu labor, de modo a converter-me em utilidade;*

*Eu sou a água impura que o Teu filtro de misericórdia restitui a pureza perdida;*

*Eu sou a ave prisioneira na gaiola estreita das paixões e que Tu libertas para alçar o voo da imortalidade...*

*Nem sempre tenho sabido entender-Te os desígnios.*

*Supunha, equivocada, que o meu amor por ti, possuiria o miraculoso condão de poupar-me aos sofrimentos e aos desafios necessários, dando me conta, agora, que esses mecanismos são teus instrumentos para purificar-me, aproximando-me mais de ti.*

*O verdadeiro amor, faz-me descobrir que o infortúnio e a dor não passam de efeitos da insensatez que os desencadeou, sendo, portanto, justo, experimentá-los, a fim de aprender disciplina e ordem.*

*Trabalha-me, cada vez mais, para que eu consiga romper a estrutura estreita que me*

*asfixia, permitindo -me ser livre contigo em comunhão profunda.*

*Senhor!*

*Toma-me nas Tuas mãos e trabalha-me!*

## **11. Encontro Inevitável**

As palavras eram como pérolas reluzentes que lhe escorriam dos lábios, para que a fiandeira dos destinos as reunisse em um colar de beleza incomum.

Num desses dias, quando falava, um discípulo acercou-se-lhe e pediu-lhe que contasse uma parábola.

O Sábio contemplou-o com serenidade, e após alguns rápidos instantes de reflexão, explicitou:

*- A juventude é como um licor que esfogueia, mas passa. A maturidade dos anos é como calmante que asserena e cede lugar ao cansaço e às doenças da velhice, que vergam o forte, abatem o vencedor e reclinam o estóico...*

*Em todo o transcurso da juventude e das sucessivas etapas da existência humana, a Morte vigia o transeunte do corpo, ora acercando-se, ora afastando-se, mas sempre atenciosa e presente.*

Silenciou por um pouco, e logo narrou:

*- O marajá havia vivido no poder e no excesso, no orgulho e na opulência durante uma larga existência de prazeres e guerras, acreditando ser aquela a única realidade da vida. Não percebia, ou não se interessava por observar que o tempo transcorria, os anos sucediam-se, as oportunidades passavam.*

Quando foi surpreendido pela visita direta da Morte, pediu-lhe, temeroso: - Dá-me um ano de vida a mais e te oferecerei metade do meu reino e dos meus tesouros. Necessito preparar-me para enfrentar a Verdade que agora se acerca de mim.

Zombeteira, a Morte, respondeu-lhe com sarcasmo: - Não posso!

- Dá-me, então, um dia, pelo menos uma hora, que não são nada para ti, e te oferecerei tudo quanto tenho.

- Como te atreves a oferecer-me o que não é teu? - Ripostou-lhe a Morte - Teus seriam se seguissem contigo esses enganadores haveres. Nem sequer a ti mesmo possuis. Desse modo, vem comigo.

*Arrebatou-o, e tudo quanto ele supunha ter, ficou, enquanto seguiu sem nada.*

Calou-se, e logo concluiu:

*- A morte é o pagamento que oferecemos à vida pelo que desfrutamos, bem como a coragem para enfrentar os resultados da existência terrena.*

## **12 Companhia**

*- Sempre estive ao teu lado - declarou a Morte ao homem rico - e te negaste a ver-me e ouvir-me. Enquanto respiravas, eu te advertia que estavas morrendo desde o momento do teu berço, porque eu recolhia os fragmentos de ti, que perdiam a vitalidade e sucumbiam. Como eras criança, mais tarde jovem e tinhas forças, renovavam-se as tuas células e a vida substituía tudo aquilo que terminava o seu ciclo.*

Tua companheira incessante, pacientemente cha-mei-te a atenção, vezes sem conto, e não te permitiste um momento para compreender-me.

*Algumas vezes, quando as doenças e o infortúnio te acometeram, consegui que me ouvisse por um pouco, mas ficaste transtornado, pedindo-me nova ocasião, que eu cedi,*

*generosa.*

*Agora, infelizmente, deixarei de te acompanhar.*

O homem, tomado de uma grande surpresa e de alegria, sentindo-se livre, inquiriu.

- *Queres dizer-me que te irás, deixando-me seguir adiante a sós?*

- *Não* - redarguiu-lhe, sorridente, a Morte - *Agora trocaremos de posição. Antes, aonde quer que fosses, eu ia contigo, te acompanhava. A partir deste momento, tu me acompanharás ao país para onde rumaremos...*

... E o arrebatou, sem mais delongas.

## **13 Diálogo**

- *Este é o maior diamante do mundo* - esclarecia, comovido, o rei. - *Homens e mulheres de diferentes países morreram e mataram-se através dos milênios, a fim de tê-lo. Hoje ele repousa no meu cetro de conquistador invencível e brilha mais do que uma estrela.*

- *Nada eu tenho que valha qualquer coisa terrestre* - respondeu o Sábio. - *Acostumei-me a ser feliz sem ter qualquer coisa, trabalhando apenas para conseguir o essencial, que para mim, é a paz.*

- Como podes anelar por algo que dispensa jóias, dinheiro e poder? Seguro o meu cetro com mãos de ferro e o vigio com olhos de águia. Os meus servos e subordinados sabem que ninguém pode aproximar-se dele, sem incorrer no risco de perder a própria vida. K todos temem.

- A minha paz, pelo contrário, atrai as pessoas que se acercam de mim, repousam na minha comunhão e experimentam felicidade ao meu lado.

- *Pois eu, cioso do meu poder e do valor das minhas gemas, conhecendo a miséria moral das pessoas, não permito que ninguém se acerque desse tesouro valioso para roubá-lo. E meu, e o levarei comigo mesmo na viagem da morte.*

O Sábio sorriu triste, meditou, e exclamou, por fim: - *Pobre rei! Nada tens, e tudo que pensas possuir, não te pertence, porque fica na Terra, nem sequer o corpo pelo qual transitas é de tua propriedade, porque te escapa ao controle e segurança. E a jóia, que pensas ficará na sepultura, é verdade, se demorará ali até que algum ladrão a transfira para outras mãos.*

*A minha paz, no entanto, seguirá comigo, embora fique também na Terra, sem nunca ser roubada por quem quer que seja.*

## **14 O amor**

A jovem plebéia aguardava o amor e se debruçava no retângulo da janela, olhando os transeuntes passarem e as carruagens que levantavam nuvens de pó. Não possuía nada, exceto a beleza de que era dotada.

- *Tenho certeza que o meu príncipe um dia virá buscar-me, libertar-me da pobreza* - afirmava, sorrindo, e preparava-se, todos os dias, adornando a cabeleira negra que lhe escorria da cabeça com coroas de flores de laranjeira brancas e perfumadas.

Na aldeia humilde, jovens rapazes sonhadores lhe propunham núpcias, dispensando mesmo qualquer tipo de dote, e ela os recusava sorrindo, informando:

- *Casarei com um príncipe, rico e bom, doce como o mel e poderoso como o Sol.*

Passaram os anos e as épocas, enquanto ela aguardava, sem mudar de idéia.

As pessoas, na aldeia singela, acreditavam que ela houvesse enlouquecido.

No entanto, continuava lúcida e sonhadora, debruçada ao peitoril da janela, adornada

de flores, agora porém, olhando o zimbório estrelado, sem preocupar-se com o pó que se levantava da estrada ou a zombaria dos passantes irônicos.

Numa noite de incomparável beleza, uma carruagem iluminada e decorada com guirlandas de rosas e mirtos, puxada por ginetes alvos e reluzentes, parou à sua porta e, de dentro, saltou um príncipe ajaezado de jóias, ostentando na cabeça fulgurante coroa, e, tomando-lhe a mão, convidou-a a entrar no veículo resplandecente, dizendo-lhe com sorriso e musicalidade na voz:

- *Eu sou o teu príncipe. Venho buscar-te.*

- *E como de chamas?*

- *Amor\*

Ao amanhecer, encontraram-na morta, encostada à madeira da janela, fitando o firmamento, e sorridente.

## ***15, Simplicidade e Pureza de Coração***

Conta-se que, Ramakrishna, tanto quanto o seu discípulo Vivekananda, entre as histórias comovedoras de que gostavam, sempre narravam uma em que ressaltam a simplicidade e a pureza de coração.

Tratava-se de um menino pobre, filho de humilde viúva, que residia fora da aldeia e que, para chegar à Escola, necessitava atravessar um bosque espesso.

Aquele era um lugar temerário, em razão da presença de animais ferozes e de salteadores impénitentes.

As crianças, economicamente bem aquinhoadas que o atravessavam, sempre se faziam acompanhar por servos que as protegiam.

Sentindo-se desamparado, e receando os perigos da floresta, oportunamente a criança pediu à mãe a proteção de um adulto, ao que ela respondeu, lacrimosa:

- *É-me impossível consegui-lo, porquanto não dispomos sequer do necessário para o pão, quanto mais um serviço de tal natureza.*

Reflexionando um pouco, e muito comovida com o pedido do filho, concluiu:

- *Pede ao teu Irmão Krishna, para que ele te ajude e aguarde, à entrada do bosque, quando vás e quando voltes da Escola, e te conduza pelo caminho difícil, pois que ele é o Senhor da Vida.*

A criança confiante suplicou ao incomparável Benfeitor, que no dia imediato lhe apareceu e, a partir de então, aguardava-o à borda do bosque pela manhã, na ida à Escola e, à tarde, na volta ao lar.

Dialogavam pelo caminho, sorriam e amavam a vida, Quando o seu mestre aniversariou, todas as crianças foram convocadas a levar-lhe um presente.

O órfão solicitou à genitora uma dádiva, que lamentou não o poder atender.

Enquanto porém, ele caminhava pela floresta com Krishna, esse perguntou-lhe pela razão da tristeza que lhe ensombrou a face.

Esclarecido, o Anjo bom ofereceu-lhe uma jarra de leite, para que a brindasse ao professor.

Ao chegar à Escola, o menino acercou-se do mestre, e tentou ofertar-lhe o mimo. Mas esse, que era preconceituoso e aos pobres tratava com desprezo, comentava os valiosos presentes recebidos dos alunos ricos, enquanto que não dava importância ao órfão, que insistia para entregar sua dádiva.

Irritado com o pequeno, solicitou ao ajudante que derramasse o leite em outro

vasilhame e lhe devolvesse a jarra, mandando embora o importuno.

Ao fazê-lo, porém, o cooperador percebeu, perplexo, que, à medida que transferia o líquido precioso de uma para outra vasilha, essa novamente se repletava.

Indagada, a criança explicou que fora presente de Krishna, ante a surpresa geral e a incredulidade de todos.

Na sua ingenuidade, o menino falou que diariamente o Sábio o conduzia pela floresta enquanto conversava com ele.

Solicitado a que levasse todos ao sítio do encontro, seguiram-no e, chegando à borda do bosque, ele pôs-se a chamar pelo *Avatar*, que não apareceu.

Sofrendo o apodo e a zombaria do mestre e dos colegas, que o abandonaram, e se foram, às gargalhadas, deixando-o confuso, pôs-se a chorar.

Nesse momento, ele ouviu a voz do Mestre:

*- Não lhes aparecí, porque eles não possuem um coração simples nem puro como tu o tens, para identificar a Verdade e defrontá-la.*

Somente aquele que possui a pureza dos sentimentos pode ver o invisível à presunção e à jactância.

A verdade transparece e apresenta-se àqueles que se encontram em condições de penetrá-la.

Quando o ser está repleto de vaidade e vazio de sentimentos, não tem lugar no seu psiquismo para o encontro com a Realidade.

## **16 Sabedoria**

Mestre ensinava aos alunos como identificar valores preciosos e excepcionais.

Tratava-se de um grupo de jovens príncipes, que lhe foram confiados à educação.

Tomando de três gemas lapidadas, distribuiu-as com os três aprendizes, após o que os indagou, um a um, qual a qualidade da sua pedra.

O mais velho respondeu com entusiasmo:

*- Esta fulgurante gema que tenho nas mãos é um diamante raro, que reflete a luz, tornando-se uma estrela refulgente.*

O segundo aduziu:

*- Disponho de uma esmeralda, que reflete os tons mágicos das matas e suavemente parece constituída de grande fragilidade, que lhe dá mais beleza.*

O terceiro adiu:

*- Possuo um rubi como gota de sangue sagrado que se penetra de claridade e se transforma em lágrima de dor nascida no coração, ou se faz dádiva sacrificial para fulgir na coroa de um rei.*

Fazendo um silêncio natural e repassado de expectativas, completou o guru:

*- Identificastes pedras de valor inestimável\ porém transitório. Esse conhecimento ajuda-vos na aquisição de coisas para a vida física. No entanto, a verdadeira sabedoria consiste em descobrir as jóias morais que estão enclausuradas nos cofres dos sentimentos e devem ser trabalhadas para enaltecer a existência, seguindo com o ser por todo o sempre, facultando-lhe a conquista de plenitude.*

\*

Sábio é aquele que se autodescobre e converte o conhecimento convencional em roteiro de luz para seguir na busca da paz e da felicidade sem jaça.

## **17 Construção de Paz**

O rei devotado, que se dedicava a construir templos, cada qual mais suntuoso, a fim de homenagear Buda, aproximou-se de um nobre Mestre e indagou-lhe:

*- Face à minha devoção ao Iluminado, as edificações que realizo para homenageá-lo, contribuirão para a minha felicidade?*

Ante o silêncio do sábio, mergulhado em meditação, instou:

*- Os monumentos albergam devotos que se comovem e se transformam em círios votivos homenageando o Senhor. Terei merecimento ante ele, em razão de minha abnegação?*

Quebrando o recolhimento silencioso, redarguiu-lhe o iniciado:

*- As edificações de pedra serão corroídas pelo tempo ou destruídas nas guerras, ou pelos fenômenos sísmicos... Somente aquelas que se estruturam nos insondáveis alicerces da alma, permanecerão inamovíveis para sempre.*

Nunca faltarão os discípulos que transformam pães em pedras ante a miséria que domina o mundo. O Mestre, no entanto, está procurando conviver com aqueles que aprenderam a construir santuários de amor, transformando pedras em pães.

*Além disso, o Mestre ensinou em contato direto com a Natureza, sem encarcerar-se ou limitar a mensagem a espaços exíguos, porque ela é infinita como o Amor.*

#

O rei, entristecido, subitamente conduzido à reflexão profunda, bateu em retirada, e deixou o velho hábito de erguer monumentos de pedras, quando havia tanta miséria em derredor.

## **18 Os Pensamentos**

C3s pensamentos são a linguagem do passado que organiza o futuro.

Deslizam céleres e alternam-se como aves ligeiras em ziguezagues incessantes, difíceis de serem retidos.

Atropelando-se, recuam aos abismos do tempo ido e trazem imagens apagadas que se colorem de vida, empurrando para as aspirações do porvir não imaginado.

São corcéis alados que voam sobre desfiladeiros ameaçadores, oceanos tumultuados e campinas verdejantes, sem se deterem em lugar algum.

Quando uns estão sendo atrelados à memória atual, outros se libertam e tumultuam a casa mental, aturdindo, desequilibrando, quando não se é educado interiormente.

Os pensamentos são bases importantes para a estruturação do ser.

Conforme se pensa, assim se vive, porque a elaboração hoje de uma idéia se fixa nos painéis da mente e logo mais ressurgirá como pensamento evocativo de um momento fugaz.

Os pensamentos modelam tudo quanto existe, na condição de escultores primorosos, também pintores, musicistas, poetas, cientistas, filósofos e santos que se tornam. Mas, quando não emulados pela beleza, pela estesia, acionam o crime, o vício, a hediondez, a amargura, porque os pensamentos são as expressões da alma humana em processo de vida.

Todo comportamento nasce da fonte pensante como água que flui em canto contínuo e forte.

Para conseguir-se direcionar bem a marcha, é necessário canalizar o fluxo da idéia e abençoá-la com a imaginação do amor, da virtude e da elevação espiritual para a identificação com Deus.

Os pensamentos devem ser conduzidos com segurança, somente sustentados quando

enobrecidos e criadores de vidas.

Os pensamentos são as representações sem palavras da sintonia humana, na pauta das aspirações dos seres.

## **19 o Dádivas**

Á Aporta do templo faustoso a caravana estacionou, e do palanquim armado sobre o dorso do elefante adornado de seda e pedras preciosas, o marajá desceu com pompa, ao som de clarins e rufar de tambores.

Um imenso tapete vermelho alongou-se coberto de pétalas de rosas perfumadas desde a porta de entrada até ao altar, onde a estátua do Mestre imobilizado, apresentava a face em pedra silenciosa, enigmática.

Passo a passo, o dominador avançou até aos degraus de mármore que davam acesso aos pés do Senhor.

Curvando-se, em profunda reverência, desdobrou precioso tecido de veludo e retirou rutilante gema, que depositou no lugar enflorido com lótus de brancura invulgar, exclamando:

*- Eis a minha oferenda, Senhor! E a maior gota de sangue da terra ferida, este rubi lapidado e misterioso. Brindo-o a Ti, Triunfador glorioso, homenageando a Tua magnanimidade.*

Dos turíbulos de prata e ouro evolavam os perfumes do incenso e da mirra, que bailavam no ar em fios de fumaça leve.

No silêncio dominador, deslumbrado e submisso ante a grandiosa figura, teve, porém, a impressão que a estátua monumental oscilou, e da pedra marrom salpicada de brilhantes e esmeraldas, se destacou uma forma luminosa, que se condensava e, descendo com majestade, tomou a pedra preciosa nas mãos e devolveu-a ao doador, redargüindo:

*- Por quê me devolves aquilo que já me pertence? Es-queces-te que eu sou o Senhor da Vida, e que tudo que existe é de minha propriedade? Por que me homenageias, a mim que não necessito de nada ?*

E ante o assombro do soberano, prosseguiu, com severidade:

*- Concedi-te posição social e fortuna, poder e vida, para que distribuíesses em meu nome, todo o excesso que te chegasse. Quando, porém, te visitei e pedi-te algo, me negaste. Por quê agora me queres ofertar algo, que não é de tua propriedade?*

Quase, sem voz, o marajá inquiriu:

*- Quando me buscaste, que não me lembro, e eu não Te atendP.*

*- No dia em que uma viúva na miséria foi ter contigo, e antes de ouvi-la a expulsaste do palácio; noutra vez, quando uma criança maltrapilha e esquelética, veio correndo no teu séquito para suplicar-te ajuda, e mandaste enxotá-la, mesmo sem a ouvir; e por fim, quando um enfermo esfaimado te estendeu a mão imunda rogando-te a ajuda de uma migalha, e viraste o rosto com soberba e escárnio...*

*Era sempre eu que mudava de aparência, para testar-te os sentimentos, batendo à porta do teu coração vestido de necessidade e de sofrimento... e não me recebeste.*

*Leva tua gota de sangue da terra e transforma-a em paz, esperança, alegria de viver e saúde para os teus irmãos, os párias, esquecidos e malsinados, e não me apareças enquanto não os atendas no seu mundo de misérias, onde certamente me encontrarás...*

O marajá empalideceu e desmaiou.

Levado, às pressas, ao seu palácio, delirou em febre, e, ao recuperar a saúde,

parecendo haver enlouquecido na opinião de muitos, abandonou o trono, distribuiu tudo quanto possuía, e, depois, deu-se totalmente ao seu Senhor, que encontrara nos guetos e favelas da desolação humana.

## **20. Por Fim, a Sabedoria**

C discípulo entusiasmado, solicitou ao Mestre que o preparasse para a sabedoria.

O Educador recebeu-o com carinho na sua gruta, explicou-lhe as dificuldades para a conquista da sabedoria e ensinou-lhe as regras fundamentais para a aquisição do conhecimento espiritual. Depois, ofereceu-lhe gastos manuscritos e alfarrábios das doutrinas antigas, para que os lesse e meditasse no seu conteúdo.

Passado um largo período, indagou-lhe um dia, buscando saber como estava sentindo-se, e ele respondeu:

*- Muito feliz e ansioso por conhecer mais, por adentrar-me no infinito das informações. Tenho sede de saber, de entesourar conhecimentos, de embriagar-me do licor da Verdade...*

O Mestre ensinou-lhe novos ramos do pensamento, abriu-lhe diferentes caminhos da percepção, sugeriu-lhe meditação e renúncia.

Tempos transcorridos, voltou a indagá-lo a respeito de como estava, e ele explicou:

*- Alguma confusão me inquieta. São tão variados os ramos do saber, que agora procuro fazer as conexões entre uma e outra doutrina filosófica, para encontrar a lógica de todas. Necessito de muito mais tempo do que pensava...*

O Orientador paciente esclareceu-lhe sobre a necessidade da compaixão e do amor, da piedade por si mesmo e pelo próximo, sugerindo que aquietasse a mente e *pensasse* com o coração, meditando e esperando.

Passados alguns anos em silêncio, quando a juventude se transformara em maturidade e essa em experiência de vida, o Sábio perguntou ao antigo candidato, como se encontrava.

Sem qualquer ansiedade ou desânimo, ele respondeu em calma:

*- Estou em paz, porque em mim brilha a delicada chama do amor e não necessito de mais nada.*

Não houve mais qualquer palavra de um ou do outro.

Ele havia adquirido a sabedoria.

## **21 Prece de Gratidão**

Envolta nos tecidos transparentes da ternura e da emoção, a peregrina ergueu o seu suave canto no silêncio do templo deserto:

*Senhor de todos os senhores!*

*Deste-me vida e juventude, recursos e saúde, beleza e inteligência para que eu pudesse transitar feliz entre as criaturas da Terra, e eu os esbanjei infantilmente.*

*Enriqueceste a minha mente com esperança e o meu sentimento com licor precioso, para que eu sorrisse e bendissem todas as horas e todos os dias, e eu os deixei passar coloridos dominada pela ilusão.*

*Iluminaste a minha trilha com as lâmpadas inapagáveis do conhecimento intelectual e me induziste a avançar confiante no futuro, e fiquei por largo tempo no limiar da aventura de encontrar a plenitude.*

*De surpresa em encantamento, descobri a f inalidade do momento e o significado do dever, mas não busquei aprofundar-me no sentido profundo da existência carnal.*

*Distraí-me nos jogos da galanteria e da inutilidade, colecionando sonhos e fantasias, para mais tarde descobrir-me sempre vazia e ansiosa por novas realizações do capricho juvenil.*

*Quando acreditei que nada me faltava, embora eu me sentisse perdida em mim mesma e quase sem estímulo para prosseguir, me deste o presente valioso para compreender o que significa a vida no corpo e como utilizá-la com sabedoria para a realização total do ser*

*Assustei-me, a princípio, e temi enlouquecer.*

*Lentamente, porém, despertei para a significação de cada minuto e de cada pessoa, aprendendo então a amar e a viver, quando o instante assume valor e tudo representa um tesouro.*

*Esse é o momento mais valioso da minha vida, que me induz a desfrutá-lo com doce sofreguidão, sem desespero nem aflição.*

*Agradeço-Te, Senhor meu, pela dádiva incomum com que me conquistaste plenamente, direcionando o meu passo para a Imortalidade.*

*Bendito seja o câncer que me impulsiona para a frente e para o Amor!*

*Bem-aventurada a dor que me canta uma patética profunda, que vou transformando em um hino de amanhecer de Sol e de paz.*

*Lúcida e ditosa, agradeço-Te, por fim, me haveres honrado a existência Senhor!*

Ao silenciar sua voz em murmúrios doces e finais, deixou-se ali ficar até quando as sombras da noite dominaram a Terra e o zimbório se cobriu de estrelas luminosas adornando a paisagem.

## ***22 Riqueza e Liberdade***

Convidado por excêntrico marajá para uma refeição pomposa, que se declarava o homem mais feliz do mundo, o Mestre generoso aquiesceu em participar do banquete no suntuoso palácio.

No dia aprazado, vestido com a simplicidade que lhe era habitual, num tecido branco que se lhe enrolava pelo corpo alquebrado e cuja parte final repousava sobre o ombro, apresentou-se à entrada e foi conduzido ao salão luxuoso onde se daria o refinado repasto.

Decorada com capricho, a mesa imensa apresentando esplêndida variedade de alimentos, provocava o paladar mais exigente.

Iniciada a opípara refeição ao som de instrumentos habilmente tocados, o marajá não ocultava a felicidade de que se sentia possuído.

Outros convidados exultantes, elogiavam o banquete, enquanto gargalhadas estrondosas vibravam no ar.

O *homem santo*, discreto e nobre, porém, alimentava-se frugalmente, apresentando a face aureolada de suave paz.

Terminado o repasto, foi convidado pelo seu anfitrião a visitar a sala dos tesouros, onde a imensa fortuna cobiçada por muitos se encontrava acumulada, avaramente guardada por homens armados e por trancas fortes nas suas portas vigorosas.

Explicando o significado de diversas gemas que eram apresentadas ao Sábio, a sua procedência e o seu valor, o mesmo se mantinha sereno como se apenas estivesse olhando pedras outras comuns.

Após exibir uma parte do fabuloso tesouro, agora em exposição cuidadosa nos armários que lhe eram abertos e ficavam iluminados, eis que um sorriso amplo iluminou a face do convidado, que não mais pôde permanecer indiferente a tanto poder e luxo terrestre.

Convencido de o haver conquistado através da cobiça, interrogou-o o grande marajá com alguma malícia na voz:

- *Ante a alegria que o invade, espontânea e luminosa, gostaria de dizer-lhe que terei imenso prazer em oferecer-lhe qualquer uma dessas gemas ou colares. Basta que me aponte aquele que mais o fascinar.*

- *Agradeço, sensibilizado, a sua oferta* - respondeu o Guru.

- *Mas, como?* - Indagou o poderoso - *Declina da minha honrosa oferta? Por que, então, está sorrindo?*

Sem demonstrar enfado ou desencanto, esclareceu, o visitante, com tranqüilidade:

- *Estou muito sensibilizado com a sua grandeza de doador. Por isso, não subestimo sua oferta. No entanto, sorrio por descobrir definitivamente como é bom ser livre e realmente rico quanto me sinto, constatando tudo aquilo de que não tenho a menor necessidade, mesmo ante o esplendor dessas coisas que brilham, mas não têm significado algum para mim...*

A seguir, solicitou licença ao poderoso marajá, e atirando a ponta da indumentária que lhe escorregara dos ombros magros novamente para o lugar onde deveria ficar, saiu na direção do mundo dos sofrendores onde residia...

## **23 Decepção**

A. A. jovem discípula, inebriada pela magia do Cantor da Vida, acercou-se-lhe cada vez mais, formulando protestos de fidelidade e abnegação.

Antes que o Sol emergisse das sombras poderosas da Noite, ei-la preparada para a meditação do amanhecer, como se aguardasse a felicidade que lhe parecia tardar.

Sempre quando se aproximava a hora do encontro com o Mestre, irradiando beleza e confiança, esperava-o dominando o corcel veloz das emoções desgovernadas.

A palavra que fluía dos lábios do Missionário eram colhidas na concha do coração e impressas na memória da devota com fogo e encantamento incomum.

Ele permanecia distante, mergulhado no Oceano Divino, enquanto a jovem buscava despertá-lo para sua presença, chamando-lhe a atenção.

Porque fosse totalmente impossível lograr o intento através dos ardis de que se utilizava com invulgar habilidade, a sonhadora instou em ser recebida particularmente, a fim de pedir-lhe orientação.

Quando, por fim, teve acesso ao modesto recinto reservado para as entrevistas, quase tombou de felicidade por sentir-se a sós com o Amado.

Em postura de lótus, semblante de paz, o Mestre apontou-lhe acolhedora almofada sobre um surrado tapete e, embora silencioso, assumiu a postura de quem se coloca em posição de ouvinte.

Não escondendo o deslumbramento, e trêmula, a discípula atormentada explicou:

- *Amo-vos, Senhor, com todas as veras dos meus sentimentos. Vós sois a minha Estrela Guia na noite escura e o Carro de Luz solar durante os meus dias. Vossa voz é como a canção do vento da Eternidade embalando-me as esperanças e a vossa presença é força que me toma as fibras mais íntimas, impulsionando-me para a frente...*

Silenciou, por um pouco, enquanto concatenava as idéias, para logo prosseguir:

- *Vossos olhos, porém, essas estrelas luminosas que emitem chispas de fogo e me fazem arder, esses me perseguem por toda parte, a todos os instantes. Nada mais belo existe no mundo, do que esses dois diamantes engastados no céu da vossa face. Como eu gostaria de possuir, pelo menos, um deles!*

*Sou vossa escrava submissa. Pedi-me a vida e eu darei agora mesmo...*

O Mestre contemplou-a com profunda compaixão e os olhos imensos nublaram-se de lágrimas de dor sem palavras.

Ele levantou-se. Passaram-se alguns minutos. Quando retornou, conduzia pequena bandeja de prata coberta por delicado tecido de linho.

Distendeu-a à infeliz, e disse-lhe com voz inesquecível:

- *Como não necessito dele para ver, eu to ofereço. Observa quanto é feio!*

Levantou o lenço transparente e apresentou-lhe o olho, que acabara de arrancar.

Só então ela notou que a cavidade ocular do lado direito da face do Sábio ficara vazia, e o olho com alguns fios de sangue, fitando-a, fê-la dar um grito de horror e sair correndo, deixando-o tombar no chão...

Há quem, no mundo, sob a videira encarregada de produzir para sempre, deseje somente decepar-lhe uma vara para retê-la na sua ambição desmedida e alucinada, perdendo-a toda.

## ***24 Do que Valem?***

O mercador do deserto amalhara durante toda a vida um tesouro incomum.

Nas suas intermináveis viagens por longes países sempre cobiçara pérolas e diamantes, rubis e esmeraldas, ágatas e objetos de ébano para a sua coleção, que o tornara tão invejado quanto detestado.

A sua caravana de camelos adestrados estava sempre percorrendo o deserto, visitando oásis, realizando trocas de mercadorias que lhe propiciavam grande lucro para a cobiça desmedida.

No esplendor da sua glória e possuidor de incalculável soma em ouro, prata, objetos de arte e pedras valiosíssimas, planejou aposentar-se e viver contemplando todo o poder que ocultava em suntuoso palácio.

Incapaz de controlar a avidez desmedida, planejou uma última excursão a distante lugar, no qual, diziam, as pérolas pareciam peras pálidas e uvas reluzentes...

Não podendo domar a paixão, preparou poderosa caravana e atirou-se à aventura ambicionada.

O êxito da sua jornada foi a coroa da sua existência.

E quando retornava com mais tesouros de arte e de gemas, um inesperado simum soprou poderoso ameaçando todas as vidas. O vendaval crescia cada vez mais, e, nada obstante, a experiência dos condutores, os animais foram levados de roldão com a sua preciosa carga, separando a caravana e despedaçando todos os planos elaborados.

Quando amainou, vencido pelo cansaço e quase asfixiado pela areia que lhe vergastara o corpo e especialmente a face, embora coberta, o mercador deu-se conta que estava a sós. Houvera tombado do animal, que lhe escapara das mãos e, sem rumo, pôs-se a pervagar pelas dunas ardentes.

Lentamente o desespero se lhe apossou, a sede começou a devorar-lhe as estranhas, a fome passou a queimar-lhe as vísceras e começou a sentir a aproximação da morte.

Nesse comenos de angústia e desespero, começou a gritar:

*- Todos os meus tesouros, tudo o que possuo, eu trocarei por um pouco de água.*

E segurando uma gema valiosa que esplendia no cabo da cimitarra ainda presa à cinta, começou a chorar, porque ali, não tinha qualquer valor...

Despertara para a realidade da vida e o legítimo valor das coisas, descobrindo, tardiamente embora, que somente possuem significados aqueles tesouros que podem resolver os desafios existenciais no momento em que ocorrem: paz de espírito, confiança irrestrita em Deus, coragem para a luta.

Tudo quanto se possui exteriormente fica na Terra de onde veio, apenas seguem as sublimes concessões da vida imortal com aquele que as cultiva e preserva.

## **25. Verdadeira Sabedoria**

O jovem era atormentado pelos desejos da carne e pelas ambições da alma juvenil.

Planejava alcançar a glória em batalhas, uma posição de destaque no mundo, já que nascera em lar humilde, uma situação política vantajosa, a fim de reunir os tesouros que compram o prazer e perenizam a felicidade.

Aplicou toda a juventude no afã de realizar-se, viajando e encetando lutas sem término, recolhendo espólios sangrentos de batalhas vitoriosas, adquirindo prestígio social e conseguindo galgar os altos postos no mundo.

A cada vitória, sentia-se mais ambicioso por outra, como se estivesse sendo devorado pela sede da água do mar, que após sorvida, ao invés de aplacar-se, mais terrível se faz, em razão da salinidade de que é portadora...

Quando estava na meia idade, cercado de bajuladores inescrupulosos e áulicos servís, percebeu, na volúpia das festas intermináveis a que se entregava, a solidão interior que passou a asfixiá-lo e a torná-lo cada vez mais amargo e infeliz.

Foi quando escutou falar de um Peregrino que curava todos os males do corpo, da alma e do coração.

Não postergou a oportunidade, partindo em sua busca.

Facilmente o encontrou no sopé de conhecida montanha, onde recebia as multidões que o buscavam.

A tarde se encontrava rubra de poente e suave brisa cantarolava nos ramos do arvoredor.

O Peregrino se ergueu, e o seu porte altivo se destacou no meio do povo silencioso que o cercava.

*- A felicidade é a ambição de todas as vidas. Algumas pessoas a consideram como um bem de utilidade imediata e, para possuí-la, enredam-se no cipoal das coisas sem valor, às quais atribuem desmedida significação. Quando, porém, são surpreendidos pela solidão e pela presença da morte que se lhes acercam, compreendem que nada podem levar, senão a angústia por não haverem aproveitado a existência.*

Silenciou, aguardando que a multidão entendesse o seu ensinamento, para logo prosseguir:

*- Sábio, é todo aquele que reúne apenas o necessário para sobreviver, confiando na Causalidade Absoluta, que tudo prevê e encaminha a quem se lhe entrega o indispensável para avançar. Quem acumula, perde-se no volume frio da posse mentirosa. No entanto, aquele que ama, possui um tesouro de incalculável significado que o segue por toda parte e o preenche de alegria, mesmo quando todos dele se afastam, deixando-o na solidão.*

*As enfermidades, os sofrimentos, o abandono e a morte são os parceiros dos*

*abastados e companheiros dos orgulhosos.*

*Quem deseje ser feliz, que se liberte de todas as cadeias que o retêm na vaidade da posse, e voe, livre, no rumo da Imortalidade.*

Quando silenciou e a multidão se dispersou, o homem rico e poderoso, sorriu, aguardou a bênção da noite para a meditação, dali se retirando em processo de cura, conduzindo a verdadeira sabedoria que se centraliza totalmente no amor.